estritamente dito e a Igreja como assembleia messiânica. O inacabamento da salvação não é, aliás, exclusivo do primeiro, já que também tem verificação no tempo da Igreja. Com ele se liga estreitamente a virtude da esperança, tão cultivada no Antigo Testamento como proposta e necessária para a Igreja.

Na segunda parte J.-M. Garrigues estuda a relação entre Jesus e Israel. Jesus é, antes de mais, o Messias de Israel, com sinais messiânicos de realização da esperada vinda do Reino. Ele representa a Lei e o Deus Salvador connosco. Com ele a aliança do Sinai, com o seu Decálogo, não é abolida, mas renovada e levada à perfeição no duplo mandamento do amor. Ela continua em vigor, embora de modo diferente para cristãos e judeus. Jesus é, afinal, pedra de tropeço e princípio de um levantar-se de novo para o povo de Israel.

A terceira parte analisa o processo de cegueira e de iluminação dos cristãos da gentilidade em face do povo de Israel, ou desde o desenvolvimento de uma atitude de orgulho até ao arrependimento e pedido de perdão (com João Paulo II). Perseguição, substituição da Israel pela Igreja, usurpação do messianismo pelas nações cristãs, fizeram parte da história que se conhece… até ao reconhecimento hodierno de que judeus e cristãos dependem ambos da aliança de Abraão. O autor estuda aqui a relação entre o antijudeísmo de cristandade e a teologia de Israel, insistindo na tese de que «Israel, mesmo naqueles dos seus filhos que recusam a Nova Aliança messiânica, permanece o Único Povo de Deus»; e, em estreita relação com isso, na tese de que «o acabamento escatológico da Redenção universal não se pode cumprir sem "assumir" o povo judeu».

A quarta parte analisa vários aspectos e problemas respeitantes ao diálogo com os judeus católicos e com os judeus messiânicos. São aí estudadas, entre outras coisas, o fundamento da distinção entre judeus e gentios, a unidade do género humano querida pelo Criador, o sentido do repouso sabático no Génesis; mas também: em que medida um judeu que acredita em Jesus permanece judeu? e outras questões bastante concretas que hoje se colocam sobre a relação entre cristãos e judeus.

Jorge Coutinho

Hurtado, Larry W., « **Dieu » dans la théologie du Nouveau Testament**, coll. « Lectio divina », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2011, 206 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09362-0.

O autor deste estudo – professor na Universidade de Edimburgo, especialista em cristianismo antigo e em linguagem, literatura e teologia do NT – toma como ponto de partida a verificação de que, em geral, a investigação contemporânea sobre o NT tem desenvolvido muito a cristologia mas tem prestado pouca atenção a «Deus» enquanto tal. Trata-se, sem dúvida, do Deus de Israel. Mas ele é aí encarado sobretudo como o Deus de Jesus Cristo. Que relação tem este com aquele? Que continuidade e que novidade na ideia que dele é aí nos é oferecida?

L. W. Hurtado procede a um minucioso estudo dos múltiplos textos neotestamentários, pondo em evidência sobretudo a novidade destes, uma novidade que, em termos ricoeurianos, permite falar de uma «reconfiguração» do discurso sobre Deus e que tem inerente um convite a termos de Deus uma visão dinâmica.

Começa por apresentar o estado actual da investigação sobre «Deus» no NT. Prossegue com a pesquisa sobre quem é

«Deus» no NT. Num terceiro capítulo conjuga «Deus» e Jesus, sempre, por suposto, no NT. Um quarto capítulo é dedicado a conjugação semelhante entre o Espírito Santo e «Deus». Termina o seu estudo com algumas observações em que realça a diversidade e a diferença, o modelo triádico do discurso sobre Deus no NT e sobre o Deus do NT numa perspectiva histórica.

Com abundante bibliografia e índice dos lugares citados da Sagrada Escritura.

Pedro de Vila-Nova

PASTORAL

Amorth, Padre, e Zanini, Roberto Ítalo, **Más fuertes que el mal. El demonio: reconocerlo, vencerlo y evitarlo**, col. «Testigos» 46, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2011, 247 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3870-1.

Existe mesmo o demónio? Melhor: existem demónios e há casos reais de possessão diabólica? O presente livro relata uma série de experiências de um dos mais famosos exorcistas italianos, o Padre Amorth. O escopo dos seus relatos não é, pura e simplesmente, afirmar, na base da sua experiência de exorcista, que existem demónios e que eles actuam efectivamente sobre pessoas humanas. Bem informado no domínio da psiquiatria, ele procura distinguir cuidadosamente os casos do foro psiquiátrico (os males da mente) e os que, de modo mais directo, considera serem verdadeiros casos de possessão demoníaca (males da alma). Refere, aliás e a propósito, que, segundo os relatos dos evangelhos, Jesus curava doenças e expulsava demónios. No fundo, como quer que seja, estamos sempre na presença do mistério do mal que, por sua vez, de uma forma ou de outra, tem por detrás de si a obra de Satanás no mundo.

O livro recolhe múltiplos testemunhos e relatos. Em torno de casos considerados de efectiva possessão diabólica, os autores fazem obra de discernimento e acabam por enfrentar temas candentes como a acção e o poder dos magos, feiticeiras e adivinhos, bem como por chamar a atenção dos malefícios provocados por doenças e depressões agudas e por desmascarar o risco de alguns grupos ligados a seitas satânicas, do rock satânico, de certos programas violentos da televisão, do mundo da magia e do chamanismo. O demónio continua certamente, considera o Padre Amorth, a fazer a sua obra de espírito maligno, contrariando a obra de Deus. A psiquiatria assumiu, nos tempos recentes, o papel que antes fora próprio do cuidado pastoral e sacramental das almas. Curiosa e sintomaticamente, o padre Amorth, fundado na experiência do seu contacto com muitos casos de grave perturbação em muitas pessoas, não deixa de advertir que 70% do trabalho de um psiquiatra é para remediar o mal provocado por outro psiquiatra, sendo que, em regra, os psiquiatras fizeram de Freud o seu deus. Mas também Nietzsche, em sua obra de anti-Deus e ele mesmo acabando em estado de loucura, é visto como fruto da acção demoníaca, tendo-se tornado ele mesmo um dos principais instrumentos de que Satanás se terá servido para a obra demolidora que é a sua herança na cultura dos tempos que lhe são posteriores.

Este é um livro ao mesmo tempo perturbador, provocante e apaixonante. A ler, num tempo em que a crença no demónio e na sua acção no mundo anda bastante debilitada ou mesmo ausente entre os próprios discípulos de Jesus Cristo. E em que o assunto «demónio» pode carecer de ser retomado na consideração de teólogos e pastores.

Pedro de Vila-Nova